

AS FACES DO FENÔMENO:
O HORIZONTE DO APARECER EM PROTÁGORAS E SEXTO
EMPÍRICO¹

Wesley Rennyer M. R. Porto
Universidade Federal do Cariri
E-mail: wesley.rennyer@ufca.edu.br

Resumo: O conceito de *phainómenon* desempenha um papel central no ceticismo pirrônico. No entanto, a relevância filosófica concedida à aparência precede a tradição cética, como evidencia o pensamento de Protágoras, cuja orientação fenomenista exerceu uma influência significativa sobre o ceticismo posterior. Este artigo, com efeito, examina a *noção de fenômeno* no pensamento protagórico e a compara com a concepção e a função que ela adquire no pirronismo, destacando continuidades e rupturas quanto ao estatuto filosófico daquilo que aparece.

Palavras-chave: Protágoras, Sexto Empírico, fenômeno.

Abstract: The concept of *phainómenon* plays a central role in Pyrrhonian skepticism. Nevertheless, the philosophical relevance of appearance precedes the skeptical tradition, as evidenced by Protagoras' thought, whose phenomenist orientation exerted a significant influence on later skepticism. This article examines the *notion of phenomenon* in Protagoras and compares it with the conception and function it assumes in Pyrrhonism, highlighting continuities and ruptures concerning the philosophical status of appearance.

Keywords: Protagoras, Sextus Empiricus, phenomenon.

Desde sua origem, sempre foi peculiar ao espírito filosófico a pretensão de desvelar o que há de encoberto nas dobras do real. Por isso *o princípio* (ἡ ἀρχή), *o ser* (τὸ ὄν), *a verdade* (ἡ ἀλήθεια), ou seja, tudo quanto simbolizou a οὐσία da própria realidade, sempre exerceu, sobre os filósofos, profunda atração e fascínio, como se fossem grandes astros no cosmo das ideias – para esses, a conquista dessas tão recônditas instâncias do real não poderia corresponder senão ao τέλος último do filosofar². Aristóteles, quem aqui convém evocar, abre sua *Metafísica* com a famosa sentença “todos os homens tendem por natureza ao saber” (πάντες ἄνθρωποι τοῦ εἰδέναι ὀρεγONTAÍ φύσει). Tomando por mote a frase aristotélica (e considerando o percurso da História das Ideias), podemos dizer que *a atividade filosófica em geral*, seja ou não por uma tendência natural, sempre propendeu à vereda do otimismo ontoepistêmico, julgando-se capaz de penetrar nas camadas das aparências e com isso atingir, de modo privilegiado, os estratos mais profundos da realidade: esse

¹ O presente texto corresponde (com alterações pontuais) a um dos subitens da minha tese de doutorado *Sofística e pirronismo: alvorecer e plenitude da razão negativa*, defendida e aprovada em dezembro de 2022.

² Trata-se, em última instância, de uma finalidade cognoscitiva, que penetrando mais e mais no subterrâneo do real, traria aos homens a verdade latente que o vulgo ignora.

As faces do fenômeno:
o horizonte do aparecer em Protágoras e Sexto Empírico

feito, nada modesto e facultado a poucos, seria o láureo dos φιλόσοφοι, daqueles que realmente são *amantes da sabedoria*.

À medida que essa nobre aspiração filosófica crescia e ganhava forma, crescia também a rígida cisão entre o reino do ser e o do aparecer. Enquanto aquele, como é sabido, tornava-se o τόπος consagrado dos que amam o saber, este outro, visto como ambiência de somenos, calhava unicamente aos homens de almas bárbaras. Em suma, o filósofo contemplaria o longínquo (o que é), o ignorante, o que está ao alcance do toque (o que aparece). Na realidade, se por um lado podemos dizer que as sementes da dicotomia entre ser e aparecer foram lançadas por Parmênides, por outro é preciso pontuar que o recrudescimento dessa cisão se deu por obra de Platão, para quem as esferas da essência e da aparência detinham uma hierarquia de importância em relação ao ser e ao saber, isto é, cada uma gozava de uma natureza mais ou menos congênere à verdade. Nesse sentido, o aparente (o sensível) estava para a opinião e o falso, assim como o essencial (o inteligível) estava para o conhecimento e o verdadeiro, distinção que reflete as precedentes dicotomias parmenídeas, visto que, como notou Jean Lefranc, “as antigas oposições do um e do múltiplo, do imutável e do mutável, do ser e do não-ser são absorvidas pelas do sensível e do inteligível”³.

Para a doutrina filosófica platônica, o conhecimento tem por seu objeto o ser eterno, o que é, ou, se preferirmos, as *Formas* (τὰ εἶδη)⁴, tendo em vista que a condição de possibilidade do saber é a de que o saber seja saber do que é, e Platão, na esteira de Parmênides, não abrirá mão dessa tese, “pois como algo que não é poderia ser conhecido?” (πῶς γὰρ ἂν μὴ ὄν γέ τι γνωσθεῖν);⁵. A via do puro não-ser, em Platão, continua interdita, imersa na incognoscibilidade, visto que “o conhecimento pertence ao que é, mas, a ignorância, necessariamente ao que não é” (ἐπὶ μὲν τῷ ὄντι γνώσις ἦν, ἀγνωσία δ' ἐξ ἀνάγκης ἐπὶ μὴ ὄντι)⁶. Mas Platão não se limitará a repetir Parmênides. Entre o ser e o não-ser, Platão conceberá um ponto intermédio, ao qual dará o nome de opinião (δόξα). A opinião, cujo objeto não é exclusivamente nem *o que é* nem *o que não-é*, será entendida por Platão como “o intermediário que se mostrou entre ignorância e conhecimento” (τὸ μεταξὺ αὐτῶν φανὲν ἀγνοίας καὶ ἐπιστήμης)⁷, de modo que, assim como o saber pertence ao que é e a ignorância ao que não-é, “a opinião reconhece o-que-é-e-não-é, ou seja, o reino da aparência sensória e da mudança, que também é caracterizado como tornar-se”⁸.

Mas a alma que se afasta do τόπος onde brilha o ser, preterindo o uso da inteligência em favor dos sentidos, desvia-se, para Platão, da senda do saber, de modo que, presa à mutabilidade do devir, torna-se refém de frágeis opiniões:

Οὕτω τοίνυν καὶ τὸ τῆς ψυχῆς ὧδε νόει· ὅταν μὲν, οὗ καταλάβει
ἀλήθειά τε καὶ τὸ ὄν, εἰς τοῦτο ἀπερείσθαι, ἐνόησέ τε καὶ ἔγνω
αὐτὸ καὶ νοῦν ἔχειν φαίνεται· ὅταν δὲ εἰς τὸ τῷ σκότῳ κεκραμένον,

³ “les anciennes oppositions de l'un et du multiple, de l'immuable et du changeant, de l'être et du non-être s'absorbent dans celles de l'intelligible et du sensible” (LEFRANC, 1999, p. 16).

⁴ Cf. Charles Khan, *Plato on Recollection*. Blackwell Publishing: 2006, p. 126.

⁵ PLATO, *The Republic*, 477a.

⁶ *Ibidem*, 477a.

⁷ PLATO, *The Republic*, 478d.

⁸ “[...] opinion cognizes What-is-and-is-not, that is to say, the realm of sensory appearance and change, which is also characterized as Becoming” (KAHN, 2006, p. 127).

τὸ γιγνόμενον τε καὶ ἀπολλύμενον, δοξάζει τε καὶ ἀμβλυώττει ἄνω καὶ κάτω τὰς δόξας μεταβάλλον καὶ ἔοικεν αὖ νοῦν οὐκ ἔχοντι.

Assim, pois, considera também o que é da alma desta maneira: quando ela firmemente se apoia onde a verdade brilha e também o ser, ela pensa, conhece e parece ter inteligência; mas quando [se apoia] no que está mesclado à escuridão, no que vem a ser e no que deixa de ser, ela opina e enfraquece a vista, oscilando as opiniões para cima e para baixo, e de novo parece que não tem inteligência.⁹

Se o não-ser é o lar da *ignorância* (em sentido rigoroso), e se a morada do *saber* é o ser, o *dever* é a ambiência própria da *opinião*. Nesse sentido, é natural que Platão tenha reagido criticamente aos pensadores que fizeram do *dever* – onde as coisas que vêm a ser e deixam de ser *se mostram* (ἀποφαίνεσθαι) – o reduto privilegiado da reflexão filosófica, visto que esses teriam confundido “aquilo que sempre vem a ser, mas nunca é” (τί τὸ γιγνόμενον μὲν αἰεὶ, ὃν δὲ οὐδέποτε), com “aquilo que sempre é, mas não tem geração” (τί τὸ ὄν αἰεὶ, γένεσιν δὲ οὐκ ἔχον)¹⁰. Enquanto *o que vem a ser* é objeto de *opinião*, por apoiar-se na *sensação irracional* (αἰσθήσεως ἀλόγου), *o que é sempre*, de modo contrário, é objeto de *conhecimento*, por ser apreendido pelo *pensamento* (νοήσει). Será justo no reduto da *δόξα* que Platão quererá confinar seus principais adversários, os afamados sofistas, porquanto boa parte desses pensadores, em especial Protágoras, acolheram positivamente as sensações (ou as aparências) como fundamento da experiência cognoscitiva humana, sendo essa uma das razões que motivou o filósofo ateniense a retratar os sofistas como os legítimos arautos da “vã presunção do saber” (τὴν μάταιον δοξοσοφίαν)¹¹ e os astutos detentores da “arte de opinar” (δοξαστικήν)¹². Dado o acolhimento favorável de Protágoras ao que se mostra, e tendo em conta que, séculos mais tarde, o fenômeno desempenharia uma função capital no pirronismo, faz-se necessário responder, *hic et nunc*, a duas perguntas decisivas para o desdobramento da questão da essência e da aparência: primeiro, de que maneira Protágoras e os pirrônicos conceberam o alcance e a função das aparências no âmbito epistêmico e prático; segundo, em que sentido a concepção protagórica das aparências des-harmoniza-se com a concepção pirrônica.

Partindo do pressuposto de que toda nuance de sentido que possa haver no termo *φαινόμενον* – seja na perspectiva protagórica, seja na pirrônica – procede logicamente de um tronco comum de entendimento, algumas considerações de ordem filológica fazem-se indispensáveis para a abordagem da questão. Em primeiro lugar, notemos que o termo *φαινόμενον* é simplesmente a forma participial média do verbo *φαίνω*, cujas acepções principais são as de *trazer à luz*, *tornar claro*, *fazer aparecer*, *revelar*, *mostrar*, *tornar visível*, dentre outras. A raiz *φα-*, encontrada aqui, exprime a noção de luz, de algo que se torna visível, que se revela, donde vemos emergir uma ampla família terminológica de valor semântico convergente, a exemplo do substantivo *φάος/φῶς* (*luz*, *luz do dia*, *luz solar*), dos adjetivos *φαινός* (*brilhante*, *radiante*) e *φανερός* (*visível*, *manifesto*, *evidente*), assim como dos verbos *φαινώ* (*brilhar*, *resplandecer*) e *φανερῶ* (*tornar manifesto*, *revelar*, *tornar claro*). Com efeito, tendo em conta os traços semânticos peculiares ao verbo *φαίνω*, podemos pensar a expressão “τὸ φαινόμενον” (particípio com artigo) de duas formas, isto é: ou traduzimo-la como um substantivo que lhe corresponda, o

⁹ Ibidem, 508d.

¹⁰ PLATO, *Timaeus*, 28a.

¹¹ PLATO, *The Sophist*, 231b.

¹² PLATO, *The Sophist*, 233c.

As faces do fenômeno:
o horizonte do aparecer em Protágoras e Sexto Empírico

fenômeno, a aparência; ou, se preferirmos, desenvolvemo-la como uma oração substantiva relativa, *o que aparece, o que se manifesta, o que se mostra*, ambas as opções, obviamente, querendo designar o conjunto dos entes que se tornam visíveis, que vêm a lume, que se mostram.

Tanto Protágoras quanto os céticos pirrônicos, ao tratarem do fenômeno, acolhem a acepção que acima delineamos, diferindo apenas (em função dos propósitos de suas respectivas concepções filosóficas) quanto à finalidade e ao estatuto filosófico das aparências, visto que nesse quesito – é fundamental observar – Protágoras e os céticos seguem caminhos diferentes. Ademais, no caso dos céticos, notamos uma sutil embora importante diferença no que concerne ao domínio fenomênico, visto que o alcance dessa dimensão parece estender-se para além do que aventou Protágoras. De qualquer forma, o que agora devemos esclarecer é de que modo e sob quais aspectos isso que acima assinalamos se verifica. Examinemos a questão com vagar.

De antemão, é preciso dizer que Protágoras foi o precursor do esforço inglório de depor o *ser* do egrégio trono da verdade, substituindo-o, como se verá, pelo tão desprestigiado *aparecer*. Dito de outro modo, Protágoras é quem encabeça a linha de pensamento que, renegando a aspiração metafísica de uma conquista cognoscitiva mediante um expediente especulativo, eleva a experiência sensível à condição de critério de aferição de um saber individual e infalível. A reconstrução da gnosiologia protagórica, a partir da qual se pode vislumbrar a fecundidade fenomênica de suas ideias, remete incontornavelmente ao *Teeteto*, visto tratar-se da principal fonte doxográfica sobre o pensamento do sofista de Abdera. É no referido diálogo platônico que nos deparamos com a concepção, apresentada pelo jovem Teeteto, segundo a qual “saber não é outra coisa que sensação” (οὐκ ἄλλο τί ἐστὶν ἐπιστήμη ἢ αἴσθησις)¹³. De imediato, Sócrates nota que se trata da mesma tese que defendera Protágoras, e após demonstrar de que modo o sofista a enunciava, isto é, ao exibir a famosa formulação da tese do *homem medida* (ἄνθρωπον μέτρον)¹⁴, conclui seu raciocínio explicando que: “De certa maneira, o que [Protágoras] diz é isto: que cada coisa é para mim do modo que a mim me aparece; por outro lado, é para ti do modo que a ti te aparece” (Οὐκοῦν οὕτω πως λέγει, ὥς οἷα μὲν ἕκαστα ἐμοὶ φαίνεται, τοιαῦτα μὲν ἔστιν ἐμοί, οἷα δὲ σοί, τοιαῦτα δὲ αὖ σοί)¹⁵.

Grosso modo, a explicação socrática, que aponta para a ênfase conferida por Protágoras ao caráter particular de como cada coisa aparece a cada homem, costuma ser vista como uma breve elucidação do relativismo protagórico. Ora, se aceitarmos que toda experiência fenomênica é algo de cunho *privado* (ἴδιος), isto é, que todo mostrar-se está submetido ao modo particular de perceber de cada homem, então, *ipso facto*, devemos admitir que as propriedades dos objetos são relativas a quem as percebe. O que percebo é para mim tal qual percebo – diria Protágoras. Sobre esse ponto em particular, é oportuno lembrar que o próprio Sexto comenta que Protágoras “considera apenas as coisas que aparecem a cada um, e, desse modo, introduz a relatividade. Por isso também ele parece ter algo em comum com os pirrônicos” (τίθησι τὰ φαινόμενα ἑκάστῳ μόνῃ, καὶ οὕτως εἰσάγει τὸ πρὸς τι. διὸ καὶ δοκεῖ κοινωνίαν ἔχειν πρὸς τοὺς Πυρρωνεῖους)¹⁶.

¹³ PLATO, *Theaetetus*, 151e.

¹⁴ “Pois ele diz de todas as coisas ser o homem medida, das que são, enquanto são, e das que não são, enquanto não são / φησὶ γάρ που πάντων χρημάτων μέτρον ἄνθρωπον εἶναι, τῶν μὲν ὄντων, ὥς ἔστι, τῶν δὲ μὴ ὄντων, ὥς οὐκ ἔστιν (Ibidem, 152a).

¹⁵ Ibidem, 152a.

¹⁶ SEXTUS EMPIRICUS, *PH*, I, 216.

Esse *algo em comum* (κοινωνίαν), dito de forma abreviada, consiste no fato de as interpretações protagórica e pirrônica convergirem no sentido de admitir a relatividade das coisas que aparecem. Mas deixemos o caráter relativo do fenômeno de lado. Agora nos compete investigar, sob o prisma protagórico, outros aspectos do fenômeno, em especial sua identidade com as sensações/percepções, sua vacuidade substancial e, por último, a questão de sua infalibilidade, visto que dessa maneira os traços de semelhança e dessemelhança com os pirrônicos tornar-se-ão mais claros. A tarefa nos obriga a retornar ao *Teeteto*. Nele vemos que Sócrates, após receber a confirmação de Teeteto da equivalência conceitual entre a ação de *mostrar-se* (φαίνεσθαι) e a de *aperceber-se* (αἰσθάνεσθαι), infere que “aparência [...] e sensação são o mesmo” (φαντασία [...] καὶ αἴσθησις ταὐτὸν)¹⁷, o que decerto evidencia a estreita ligação entre *as coisas que aparecem* (τὰ φαινόμενα) e *as coisas sensíveis* (τὰ αἰσθητά) – concepção que será assimilada e expandida por Sexto Empírico.

Em todo caso, para o sofista de Abdera, *o universo multifacetado das coisas que são* encontra-se estritamente circunscrito às experiências sensíveis, não havendo nenhuma essencialidade ou quiddidade subjacente ao que se mostra. O que Protágoras pretendeu assinalar é que não há nenhuma entidade para além das entidades apreendidas pela sensopercepção. Essa posição implica diretamente a rejeição da existência de objetos não-fenomenais, bem como a indistinção entre essência e aparência, visto que para Protágoras, como bem ilustra Guthrie, “não havia nenhuma realidade atrás e independente das aparências”¹⁸. A noção de mesmidade entre *o que é* (τὸ ὄν) e *o que aparece* (τὸ φαινόμενον), no sentido da redução protagórica do real ao conjunto das experiências sensíveis, é bem ilustrada por um fragmento de Dídimos, o Cego, teólogo da Igreja Copta de Alexandria, o qual apenas se tornou acessível para nós a partir de 1966, por isso mesmo ausente no trabalho de Diels-Kranz¹⁹. Algumas linhas da passagem de Dídimos nos contam que: “[Protágoras] diz que o ser, para as coisas que são, está no aparecer” (λέγει ὅτι τὸ εἶναι τοῖς οὖσιν ἐν τῷ φαίνεσθαι ἔστιν), e acrescenta ainda que “todas as coisas que são existem no aparecer” (πάντα τὰ ὄντα ἐν τῷ φαίνεσθαι ἔστιν)²⁰. Apesar de exíguas, as palavras de Dídimos são douradas, pois sob seu brilho o fenomenismo protagórico ilumina-se. Conforme interpretamos, Protágoras está a rechaçar *in totum* qualquer cisão ontológica do real que oponha essência e aparência. Essa dualidade vaporosa, para ele, nada mais é que um engano humano. Tudo é aparência! Nenhum invólucro fenomênico encobre aos olhos humanos uma suposta essencialidade dos objetos: ser e aparecer são uma única e mesma coisa, de modo que *o aparecimento*, isto é, *o mostrar-se* do objeto que se dá na sensopercepção, já diz, ele próprio, *o ser* da coisa.

É importante observar que a exposição sextiana da doutrina de Protágoras, malgrado as imprecisões terminológicas decorrentes da distância temporal entre os dois autores, reforça ainda mais a tese de que Protágoras circunscreve a realidade ao que é sensorialmente perceptível. Dois trechos em particular evidenciam o que

¹⁷ PLATO, *Theaetetus*, 152c. Nesse trecho, notemos que o termo empregado por Platão para *aparência* é φαντασία, que, além da acepção de “aparência”, como traduzimos, também pode significar “imagem”, “representação”, “aparição” etc. É um termo derivado do verbo φαντάζω (“tornar visível”, “deixar ver”, “mostrar-se”), cuja origem, por sua vez, remete ao verbo φαίνω – proveniência que evidencia a relação semântica entre φαντασία e φαινόμενον.

¹⁸ “[...] there was no reality behind and independent of appearances” (GUTHRIE, 1971, p. 186).

¹⁹ Descoberto em 1941 ao sul da cidade do Cairo, Egito, o códice de papiro no qual se encontra a referência a Protágoras faz parte de um comentário de Dídimos ao *Eclesiastes*. Os excertos didimonianos, publicados em 1966 no jornal suíço de antiguidade clássica *Museum Helveticum* (23), vieram a lume graças ao trabalho em conjunto de Gerhard Binder e Leo Liesenborghs.

²⁰ LASK-MOST, 31. R27.

As faces do fenômeno:
o horizonte do aparecer em Protágoras e Sexto Empírico

aqui é alegado: primeiro, quando Sexto nos expõe que Protágoras “diz que as causas de todos os fenômenos subjazem na matéria, posto que a matéria, quanto a si mesma, é capaz de ser tudo quanto aparece para todos” (λέγει δὲ καὶ τοὺς λόγους πάντων τῶν φαινομένων ὑποκεῖσθαι ἐν τῇ ὕλῃ, ὥς δύνασθαι τὴν ὕλην ὅσον ἐφ’ ἑαυτῇ πάντα εἶναι ὅσα πάσι φαίνεται); segundo, quando Sexto acrescenta que “todas as coisas que aparecem aos homens, também são, mas as coisas que não aparecem a nenhum dos homens, nada são” (πάντα γὰρ τὰ φαινόμενα τοῖς ἀνθρώποις καὶ ἔστιν, τὰ δὲ μηδενὶ τῶν ἀνθρώπων φαινόμενα οὐδὲ ἔστιν)²¹.

O que não aparece não é. O ser de *tudo que é* jaz em seu aparecer, pois ser é aparecer e aparecer é ser. A *matéria* (ὕλη) à qual Sexto Empírico faz referência compreende a totalidade dos objetos fenomenais, isto é, o conjunto dos entes que podem ser objeto da sensopercepção humana, mas que não possui, em Protágoras, nenhuma οὐσία subjacente que transcenda a dimensão da pura eclosão fenomenal. Isso se estende até mesmo para a esfera psíquica. Em Protágoras, as experiências sensíveis fundamentam e governam o microcosmo individual de cada homem, tendo em vista que o pensamento, por si mesmo, é incapaz de criar ou de tornar existente o seu objeto. Essa noção é reforçada pelas palavras de Diógenes Laércio, quando nos escreve, ao sumarizar a doutrina protagórica, que “[Protágoras] dizia nada ser a alma além de sensações” (ἔλεγέ τε μηδὲν εἶναι ψυχὴν παρὰ τὰς αἰσθήσεις)²², indicando com essa sentença que, para o sofista de Abdera, todo o universo anímico do homem se estrutura a partir das sensações, as quais compõem – sem qualquer substrato latente – a totalidade dos entes, haja vista que as sensações, como bem salienta Giuseppe Rensi, não possuem em Protágoras “[...] nenhum *quid* substancial que seja sua fonte ou ponto de apoio”²³.

É presumível que um cético da estirpe de Sexto Empírico, diante dos meandros que a *forma mentis* de Protágoras exhibe e dos pressupostos com os quais ela se compromete, tenha se sentido compelido a condenar a doutrina protagórica. E assim Sexto Empírico o fez. Ao final de sua exposição das ideias do abderita, Sexto declara de modo expresso que Protágoras “dogmatiza” (δογματίζει), seja quando discorre “acerca da fluidez da matéria” (περὶ τοῦ τὴν ὕλην ῥευστήν)²⁴, seja quando faz afirmações “sobre as causas de todos os fenômenos subsistirem na matéria” (περὶ τοῦ τοὺς λόγους τῶν φαινομένων πάντων ἐν αὐτῇ ὑποκεῖσθαι), asserções que, por versarem sobre coisas obscuras, ou melhor, em “sendo coisas não evidentes” (ἀδήλων ὄντων), fazem com que os cétricos pirrônicos “suspendam o juízo” (ἐφεκτῶν)²⁵.

É difícil aquiescer, ao olhar para a hierarquia de importância dos princípios pirrônicos, que a posição ocupada pelo *fenômeno* seja outra que não a da mais alta proeminência. Se bem dimensionado, pesado e medido, o fenômeno só poderá figurar, não é exagero dizer, como uma das vigas mestras do ceticismo pirrônico.

²¹ SEXTUS EMPIRICUS, *PH*, I, 218-219.

²² DL, IX, 51.

²³ “[...] *alcun quid sostanziale che ne sia la scaturigine o il punto d'appoggio*” (RENSI, *apud* UNTERSTEINER, [1948] 1996, p. 70).

²⁴ A tese atribuída a Protágoras da fluidez da matéria consiste basicamente na admissão de que toda matéria está em fluxo contínuo, sendo essa a causa das diferentes sensações: quando ocorre o choque entre os órgãos dos sentidos e a matéria em fluxo (*PH*, I, 217-219). A exposição de Sexto é uma reformulação do que já aparece no *Teeteto* (156a) sob o nome de doutrinas secretas (atribuídas a Protágoras, Homero, Heráclito e outros), cujo cerne está na ideia de que tudo é movimento e, portanto, nada nunca é, mas vai se tornando.

²⁵ SEXTUS EMPIRICUS, *PH*, I, 219.

Antes mesmo de Sexto Empírico irradiar por toda sua obra o valor que o fenômeno possui para a Σκέψις, o dileto discípulo de Pirro, Tímon de Fliunte, já havia registrado, em um hexâmetro dactílico, o sobejo poder da aparência:

ἀλλὰ τὸ φαινόμενον πάντῃ σθένει, οὔπερ ἄν ἔλθῃ.

Mas o fenômeno é em toda parte poderoso, onde quer que surja.²⁶

O verso de Tímon está a apontar para o caráterineludível e onnipresente do fenômeno, que, justamente em razão da ubiquidade de sua presença, encontra-se atrelado a toda e qualquer experiência humana de mundo. Como já tivemos a oportunidade de comentar, “se o fenômeno, onde quer que surja, é senhor, o é por necessidade, porquanto abrange e está imbricado no todo subsistente do qual o homem é partícipe e no qual o homem está imerso”²⁷. Para o pirrônico, tudo que nos aparece, como bem explicou Porchat, “se nos impõe com necessidade”, de modo que ao fenômeno “não podemos senão assentir”, visto que ele é “absolutamente inquestionável em seu aparecer”²⁸. É óbvio que aqui se encontra um forte elo entre Sexto e Protágoras, mas é preciso notar que esse elo não tarda a se romper. De fato, as aparências espraíam-se por tudo, são tudo o que há de acessível ao homem – o sofista e o pirrônico, nesse ponto, comungam da mesma concepção –, porém, o cético não dirá, ratificando as palavras de Protágoras, que tudo *é* fenômeno, ou mesmo que ser e aparecer *são* o mesmo.

Ora, mas como a mesmidade de ser e aparecer, proclamada por Protágoras, seria avaliada por Sexto Empírico? Que diria o médico pirrônico acerca da noção segundo a qual “o ser, para as coisas que são, está no aparecer” (τὸ εἶναι τοῖς οὖσιν ἐν τῷ φαίνεσθαι ἔστιν)? A vacuidade substancial do fenômeno seria endossada por Sexto? Oferecer uma resposta a tais indagações não é tarefa fácil. Encontramo-nos aqui em terreno movediço, uma vez que Sexto, ao abordar as ideias do célebre sofista, jamais encarou essa problemática de maneira frontal, mas antes se preocupou em elucidar o teor dogmático da doutrina protagórica, tendo por foco outros elementos.

Conjecturamos, entretanto, que as perguntas supramencionadas possam ser respondidas plausivelmente desde que coloquemos em cena a avaliação sextiana sobre a epistemologia cirenaica. Expliquemo-nos. Semelhante a Protágoras, para o qual ser é aparecer e nada há para além do que se mostra, os cirenaicos afirmavam que “apenas as afecções são apreensíveis” (μόνα τὰ πάθη καταληπτὰ)²⁹, mas diziam também – e com isso se afastavam do velho sofista – que os objetos externos detinham uma “natureza inapreensível” (φύσιν [...] ἀκαταληπτον)³⁰. A relação Protágoras-cirenaicos é atestada de forma lacônica pelo bispo de Cesareia, Eusébio, o qual se limitou a apontar a correlação entre *as afecções* (τὰ πάθη) da escola de Aristipo (vistas como as únicas coisas apreensíveis) e *as sensações* (αἱ αἰσθήσεις) das quais falava Protágoras (entendidas como as únicas coisas confiáveis), querendo indicar com isso, como explica Tsouna, que “os pontos comuns entre essas doutrinas

²⁶ Ibidem, *AM*, VII, 30; também em *DL*, IX, 105.

²⁷ PORTO, 2019, p. 57.

²⁸ PORCHAT, 2007, p. 123.

²⁹ EUSEBIUS, XIV, 19, 1.

³⁰ SEXTUS EMPIRICUS, *PH*, I, 216.

As faces do fenômeno:
o horizonte do aparecer em Protágoras e Sexto Empírico

repousam em seu antirracionalismo, seus elementos empíricos e em sua ênfase na importância dos sentidos”³¹.

Em Protágoras, a dimensão ontológica da essência do fenômeno dissolve-se na própria aparência; nos cirenaicos, essa dimensão é incognoscível. O ser do que se mostrar, para a escola de Aristipo, escapa à possibilidade de apreensão humana³²; o *é* do aparecer, para o sofista de Abdera, jaz diluído no próprio *φαίνόμενον*. Em síntese, o que vemos emergir desse contraste é isto: da parte dos cirenaicos, uma posição epistemologicamente negativa no que concerne ao conhecimento do que subjaz ao fenômeno; da parte de Protágoras, uma negação aberta de que haja qualquer substrato essencial subjacente às coisas que aparecem: “nada é um, em si e por si mesmo” (*ἐν μὲν αὐτὸ καθ’ αὐτὸ οὐδέν ἐστιν*)³³. Ora, se Sexto rejeitou a afirmação de que “a doutrina cirenaica é idêntica à cética” (*ἡ Κυρηναϊκὴ ἀγωγή ἢ αὐτὴ ἐστὶ τῇ σκέψει*), argumentando que o *τέλος* de cada uma dessas escolas é distinto e que, diferente dos cirenaicos, os pirrônicos suspendem o juízo “acerca dos objetos externos” (*περὶ τῶν ἔκτος ὑποκειμένων*) – o que demonstra que os céticos não endossam o negativismo epistêmico da escola de Aristipo –, então, por analogia, é plausível dizer que Sexto não aprovaria a vacuidade substancial que Protágoras atribui aos fenômenos, mas, por tratar-se de uma concepção que avança para além das fronteiras da evidência, suspenderia o juízo em relação a ela.

Na esteira desse raciocínio, podemos concluir que a confiança na possibilidade de um conhecimento infalível mediante a sensopercepção – uma das consequências da ideia de mesmidade entre ser e aparecer –, também seria vista pelos céticos pirrônicos com grande desconfiança. Observemos com atenção. Numa de suas explicações sobre a doutrina de Protágoras, Sócrates nos diz que, para o sofista, “percepção [...] é sempre daquilo que é e [...] sem engano, visto que é saber” (*αἴσθησις [...] τοῦ ὄντος αἰεὶ ἐστὶν καὶ ἀψευδὲς ὡς ἐπιστήμη οὐσα*)³⁴. Nessa passagem, o uso do participio presente do verbo ser, no genitivo (*τοῦ ὄντος*), demarca a ambiência a partir da qual toda percepção tem origem: a percepção sempre provém *do ente, do que está sendo, do que é*. Aqui encontra-se implícita a negação do não-ser na aparência, posto que a apreensão do objeto pela percepção, sendo necessariamente oriunda *do que é*, dissiparia, em absoluto, todas as brumas do não-ser, tornando a sensopercepção sempre verdadeira. Como bem explica Capizzi: “não existe falsa aparência, porque ela só poderia ser aparência do que não é, e o que não é não pode tampouco aparecer de modo algum”³⁵. Sob esse prisma, e levando em consideração que em Protágoras *ser é manifestar-se*, a percepção, essa germinação fenomênica sem quiddidade subjacente, é sempre *sem engano* (*ἀψευδὲς*), isto é, *infalível*, porquanto assegura ao percipiente o *saber* (*ἐπιστήμη*) do que é percebido. A tese protagórica da infalibilidade das sensações, que consiste basicamente em afirmar que ninguém se equivoca em relação às próprias percepções sensíveis, é uma

³¹ “[...] the common points of these doctrines lie in their anti-rationalism, their empiricist elements and their emphasis on the importance of the senses” (TSOUNA, 2004, p. 124).

³² As palavras de Diógenes Laércio a respeito dos cirenaicos (DL, II, 92), nomeadamente quanto à questão da cognoscibilidade das coisas em si mesmas, tornam bastante clara a posição que os seguidores de Aristipo defendiam: “Eles diziam que as afecções são apreensíveis, mas não as coisas a partir das quais elas vêm a ser. E afastavam-se também do estudo da natureza, por se mostrar inapreensível” (*Τὰ τε πάθη καταληπτὰ. ἔλεγον οὖν αὐτά, οὐκ ἂν ὧν γίνεται. ἀφίσταντο δὲ καὶ τῶν φυσικῶν διὰ τὴν ἐμφαινόμενῃ ἀκαταληψίαν*).

³³ PLATO, *Theaetetus*, 152d.

³⁴ Ibidem, 152c.

³⁵ “[...] non esiste falsa apparenza, perché essa potrebbe essere solo apparenza di ciò non è, e ciò che non è non può neanche apparire in alcun modo” (CAPIZZI, 1955, p.306).

consequência direta e inevitável da concepção segundo a qual o *ser* das coisas jaz imbricado em seu *mostrar-se*; quer dizer, a aparência, na medida em que é sempre manifestação das coisas que são³⁶, revela infalivelmente a cada homem a realidade no instante mesmo da sua aparição. Perceber é conhecer.

Aqui atingimos uma das partes nucleares da epistemologia de Protágoras, e por isso convém que nos demoremos um pouco mais em seus meandros. Pois bem; todo manifestar-se, para o célebre sofista trácio, possui a característica peculiar de comunicar o ser do objeto, isto é, o aparecimento de algo, sob a dinâmica do encontro entre aquele que percebe e o ente percebido, transmite de modo compreensível e infalível o ser daquilo que vem à luz enquanto aparição fenomênica, sendo esse, portanto, o fundamento da cognoscibilidade das sensações humanas: “A essência daquilo que é coisa, é, portanto, ser manifesto, cognoscível, encontrar-se no estado de poder ser conhecido”³⁷. Dito de maneira concisa, a essência, para Protágoras, é dada na própria aparência, e da apreensão do ser da coisa mediante o intercurso de um ente que percebe e uma entidade percebida, origina-se – no seio mesmo dessa experiência – um ato cognoscitivo de caráter intrinsecamente *infalível* (ἀψευδής).

As sensopercepções sempre dizem a verdade do objeto, sem nunca dar azo ao engano, por isso, segundo Aristóteles, quando Protágoras fala do homem enquanto μέτρον de todas as coisas, ele tão somente quer dizer que “o que parece a cada um firmemente também é” (τὸ δοκοῦν ἕκαστῳ τοῦτο καὶ εἶναι παγίως)³⁸. A tese da cognição individual de caráter infalível, fundamentada no atendimento à exigência do que parece e aparece a cada homem em particular, ancora a nau do saber no porto da percepção, fazendo dos estados psíquicos individuais – os quais são gerados pelas sensações – a antessala de onde desponta o ato de conhecer em toda sua infalibilidade. Um trecho já consagrado do *Teeteto* atesta bem esses elementos:

ἀληθὴς ἄρα ἐμοὶ ἢ ἐμῇ αἰσθησίς – τῆς γὰρ ἐμῆς οὐσίας αἰεὶ ἔστιν –
καὶ ἐγὼ κριτὴς κατὰ τὸν Πρωταγόραν τῶν τε ὄντων ἐμοὶ ὥς ἔστι,
καὶ τῶν μὴ ὄντων ὥς οὐκ ἔστιν.

Minha percepção, portanto, é verdade para mim – pois é sempre parte do meu ser –, e eu sou juiz, de acordo com Protágoras, das coisas que são para mim como são, e das coisas que não são, como não são.³⁹

É preciso pontuar, todavia, que a doutrina protagórica, embora tenha fornecido ao pirronismo subsídios de superlativa importância no âmbito fenomênico, terminou por adotar uma posição em relação ao que aparece absolutamente contrária àquela sustentada pelos σκεπτικοί. Devemos reconhecer, decerto, que Protágoras elevou o fenômeno à condição de base estruturante da experiência humana, exorcizando de sua compreensão qualquer sedimento metafísico que pudesse subjazer ao que se mostra, tendo inclusive demonstrado,

³⁶ Como insiste Antonio Capizzi: “O mundo das aparências é um mundo feito inteiramente de coisas que são, porque a ninguém jamais apareceu uma coisa que não é / *Il mondo delle apparenze è un mondo fatto tutto di cose che son, perché a nessuno mai è apparsa una cosa che non è*” (CAPIZZI, 1955, p. 307).

³⁷ “*L'essenza di ciò che è cosa, è dunque di essere manifesto, conoscibile, di trovarsi in istato di poter venire conosciuto*” (RENSI, *apud*. UNTERSTEINER, [1948] 1996, p. 71).

³⁸ ARISTOTLE, *Metaphysics*, 1062b1-15.

³⁹ PLATO, *Theaetetus*, 160c.

conforme indicamos ligeiramente, o caráter particular de como cada coisa aparece a cada homem. Apesar disso, os rumos das ideias do sofista conduziram-no até o domínio da asseveração dogmática, único território no qual os cétricos não ousam firmar seus pés: donde a “fratura doutrinal” entre o abderita e os pirrônicos. Ora, se é legítimo inferirmos que *a defesa da vacuidade substancial do fenômeno* é condição suficiente para que os cétricos suspendam o juízo, então podemos novamente inferir que *a sustentação da possibilidade de uma aquisição cognoscitiva infalível*, através da sensopercepção, é mais do que suficiente para que, outra vez, eles assim procedam.

Oswaldo Porchat foi cirúrgico ao dizer que os pirrônicos “não atribuem ao fenômeno nenhum estatuto ontológico ou epistemológico”⁴⁰. É disto que se trata: tanto não há nenhuma teoria cétrica sobre o caráter ontológico do fenômeno, no sentido de determinar sua estrutura fundamental ou natureza última, quanto não há nenhuma pretensão de conferir às aparências um valor epistêmico. As formulações teórico-especulativas sobre o fenômeno, quaisquer que sejam as roupagens sob as quais se apresentem, não pertencem ao conjunto das concepções pirrônicas, nomeadamente porque o fenômeno, para os membros da Σκέψις, não se presta a elucubrações que visam lhe atribuir algum tipo de estatuto teórico. O cétrico, com efeito, não elabora nenhuma teoria sobre a aparência, mas tão somente reconhece a inevitabilidade do que se mostra, porquanto o que vem à presença no ato de mostrar-se é parte irrecusável da própria dinâmica da vida. Viver – diria o cétrico – é ser afetado fenomenicamente.

É o próprio Sexto Empírico quem nos esclarece, falando como membro-chefe da tradição pirrônica, de que modo o fenômeno se nos impõe e nos condiciona – através do influxo coercitivo da sua presença – à sua adesão. Sexto diz: “pois não suprimimos as coisas que, de acordo com a representação passiva, nos conduzem involuntariamente ao assentimento [...] e estas coisas são os fenômenos” (τὰ γὰρ κατὰ φαντασίαν παθητικὴν ἀβουλῆτως ἡμᾶς ἄγοντα εἰς συγκατάθεσιν οὐκ ἀνατρέπομεν [...] ταῦτα δὲ ἐστὶ τὰ φαινόμενα)⁴¹. As aparências “nos conduzem ao assentimento” (ἡμᾶς ἄγοντα εἰς συγκατάθεσιν) sem que haja qualquer concurso da vontade ou mesmo juízo de valor. Elas simplesmente se nos impõem. Abraça-se o fenômeno porque recusá-lo é de todo impossível. Aqui é de suma importância atentar para o sintagma κατὰ φαντασίαν παθητικὴν, visto que ele indica a peculiaridade da afecção fenomênica à qual estamos submetidos. Notemos que a φαντασίαν, isto é, a *representação, aparência, imagem* ou *aparência*, tem por característica ser παθητικὴν, ou seja, ser *passiva, patética, capaz de afecção*⁴², razão pela qual a experiência fenomênica é compreendida pelos pirrônicos como um πάθος involuntário. Tal compreensão do fenômeno enquanto *páthos pathetiké* desvela, pois, o núcleo da atitude cétrica: não se trata de afirmar ou negar alguma qualidade intrínseca às coisas, mas de reconhecer, por força das afecções, que o plano do aparecer nos atravessa inapelavelmente antes mesmo que possamos deliberar sobre ele. O cétrico, cômico da impossibilidade de escapar ao domínio do que aparece, limita-se a acolhê-lo com a neutralidade daquele que sabe não haver refúgio fora do que se mostra. Em última instância, a submissão ao fenômeno não é um ato de fé, mas o reflexo de uma percepção filosófica que abdica do ímpeto de julgar e que reconhece, de modo sereno, a força impositiva do aparecer que inevitavelmente nos atinge.

⁴⁰ PORCHAT, 2007, p. 128.

⁴¹ SEXTUS EMPIRICUS, *PH*, I, 19.

⁴² Cabe lembrar que o adjetivo triforme παθητικός tem por origem etimológica o verbo πάσχω, cujas principais acepções são as de *sofrer, padecer, ser afetado*.

Ninguém que vê uma estrela no céu dirá que não a vê; tampouco quem ouve as ondas que quebram na praia dirá que não as ouve; da mesma forma, aquele que sente o calor do sol veranil ou o frio do vento invernal dirá que, sentindo-os, não os sente. O dado fenomênico é irrecusável; ele é o esteio sobre o qual se constrói a teia de relações que dinamiza as experiências humanas, sendo também a razão em virtude da qual o cético admite, como parte inseparável da *vida comum* (κοινός βίος), a atuação necessária e sempre presente das aparições fenomenais em nossos estados anímicos, “pois o cético assente às afecções que são inevitáveis segundo a representação sensível, de sorte que não diria, sentindo calor ou frio, ‘creio não sentir calor ou frio’” (τοῖς γὰρ κατὰ φαντασίαν κατηναγκασμένοις πάθεσι συγκατατίθεται ὁ σκεπτικός, οἷον οὐκ ἂν εἶποι θερμαίνόμενος ἢ ψυχόμενος ὅτι δοκῶ μὴ θερμαίνεσθαι ἢ ψύχεσθαι)⁴³.

Reconhecer o aparecer do que aparece é atender ao que há de mais evidente e indispensável na experiência comum dos homens. Essa atitude, porém, encontra-se a mil léguas de distância de qualquer teorização sobre as aparências. Eis a distinção fundamental entre os cétricos pirrônicos e Protágoras, pois, enquanto os membros da Σκέψις limitam-se a reconhecer e a enunciar as próprias afecções, silenciando a respeito da essência do que se mostra, o sofista de Abdera esboça, acerca das aparências, teses ontoepistêmicas positivas acerca delas, o que o afasta dos cétricos de modo decisivo e também o faz figurar no rol dos pensadores dogmáticos. Além disso, notemos que a sutil distinção sextiana acerca do escopo da investigação cética do fenômeno coopera bastante para que possamos entender, com maior clareza, em que sentido Protágoras e os cétricos pirrônicos divergem em suas respectivas posições a respeito dos fenômenos. Tal diferenciação, mencionada por Sexto nas *Hipotíposes*, aponta para uma heterogeneidade entre aquilo que é afirmado sobre o fenômeno e seu reconhecimento enquanto tal:

ὅταν δὲ ζητῶμεν εἰ τοιοῦτον ἔστι τὸ ὑποκείμενον ὁποῖον φαίνεται, τὸ μὲν ὅτι φαίνεται δίδομεν, ζητοῦμεν δ' οὐ περὶ τοῦ φαινομένου ἀλλὰ περὶ ἐκείνου ὃ λέγεται περὶ τοῦ φαινομένου· τοῦτο δὲ διαφέρει τοῦ ζητεῖν περὶ αὐτοῦ τοῦ φαινομένου.

E quando investigamos se o que subjaz é tal qual aparece, concedemos que ele aparece, e não investigamos acerca do fenômeno, mas acerca daquilo que se diz sobre o fenômeno: e isso difere de investigar sobre o fenômeno em si mesmo.⁴⁴

A investigação cética não incide sobre o que aparece, mas sobre os discursos que preditam de modo categórico o fenômeno ou dotam o aparecer de alguma particularidade ontognosiológica. Protágoras, ao falar em termos de infalibilidade em relação à percepção sensível, sustentando que “o ser, para as coisas que são, está no aparecer” (τὸ εἶναι τοῖς οὖσιν ἐν τῷ φαίνεσθαι ἔστιν)⁴⁵ e que “todas as representações e as opiniões são verdadeiras” (πάσας τὰς φαντασίας καὶ τὰς δόξας ἀληθεῖς ὑπάρχειν)⁴⁶, extrapola os limites do discurso *a-dogmático*, dimensão na qual o cético pirrônico, tendo esvaziado das suas elocuições todo conteúdo tético sobre as aparências, insiste firmemente em se manter. A construção de uma doutrina epistêmica fundada na sensopercepção, como queria Protágoras, é objeto de

⁴³ SEXTUS EMPIRICUS, I, 13.

⁴⁴ Ibidem, PH, I, 19.

⁴⁵ LASK-MOST, 31. R27.

⁴⁶ SEXTUS EMPIRICUS, AM, VII, 60.

As faces do fenômeno:
o horizonte do aparecer em Protágoras e Sexto Empírico

investigação e de crítica justamente por pretender dizer sobre o fenômeno muito mais do que os céticos assumem ser possível dizer sem que se incorra em dogmatismo.

Mas que não se creia, equivocadamente, que o ceticismo pirrônico exorta os homens a adotarem uma postura afásica quanto ao fenômeno. De modo algum! Dado que o fenômeno é irrecusável em seu mostrar-se, e que os homens são afetados de modo inapelável pelo que aparece, está facultado a todo indivíduo discorrer *ad nauseam* sobre suas próprias afecções, mesmo porque isso é parte indissociável da vida. O problema filosófico ao qual o cético faz referência não diz respeito, como esperamos ter deixado suficientemente claro, aos discursos que são desprovidos de propósitos teóricos especulativos, mas sim àqueles que, via de regra, almejam estabelecer alguma fundamentação ontológica para os fenômenos ou que se creem capazes de descrever aspectos não evidentes relativos às coisas que se mostram. Anuir aos fenômenos e descrevê-los enquanto *afecções passivas* (πάθη παθητικοί) é tudo o que fazem, prezam e aconselham os céticos.

A estima do pirronismo pelo fenômeno era tal que desde os seus primeiros representantes, a exemplo de Pirro e Tímon, o fenômeno já detinha posição de relevo, como teria atestado Enesidemo ao dizer que “Pirro nada determina dogmaticamente [...], mas guia-se pelos fenômenos” (οὐδὲν ὀρίζειν τὸν Πύρρωνα φορματικῶς [...] τοῖς δὲ φαινομένοις ἀκολουθεῖν)⁴⁷. De fato, por não perderem de vista a imprescindibilidade do fenômeno para a vida, os céticos acolhem as aparências e orientam-se por elas, sendo essa a causa fundamental de o fenômeno figurar, conforme podemos atestar pelas palavras de Sexto Empírico, como critério de ação prática da Σκέψις:

κριτήριον τοίνυν φαμὲν εἶναι τῆς σκεπτικῆς ἀγωγῆς τὸ φαινόμενον, δυνάμει τὴν φαντασίαν αὐτοῦ οὕτω καλοῦντες· ἐν πείσει γὰρ καὶ ἀβουλήτῳ πάθει κειμένη ἀζήτητός ἐστιν. διὸ περὶ μὲν τοῦ φαίνεσθαι τοῖον ἢ τοῖον τὸ ὑποκείμενον οὐδεὶς ἴσως ἀμφισβητεῖ, περὶ δὲ τοῦ εἰ τοιοῦτον ἐστιν ὁποῖον φαίνεται ζητεῖται.

Dizemos, então, que o critério da via cética é o fenômeno, chamando virtualmente desse modo a representação; pois o que jaz na convicção e na afecção involuntária é ininvestigável. Portanto, ninguém provavelmente disputa acerca de o objeto subjacente manifestar-se de tal ou tal maneira, mas investiga-se sobre se é tal ou qual aparece.⁴⁸

A universal e perpétua força do fenômeno, onde quer que desponte como fonte de manifestação, de aparecimento e de presença visível, arrasta, de modo inexorável, todos os homens, *aequi et iniqui*, à sua plena anuência. O aparecer fenomenal, gratuita e irresistivelmente, entrega a cada indivíduo o complexo multiforme de imagens sensíveis que compõem, em sua totalidade, o panorama das experiências humanas. O fenômeno é, em suma, pura doação de horizontes representacionais, é torrente de aparecimentos e dispersões cuja peculiaridade consiste simplesmente em ser dado, em eclodir, em vir À luz, “pois das coisas que aparecem estabelecemos apenas isso mesmo, que elas aparecem” (τῶν γὰρ

⁴⁷ DL, IX, 106.

⁴⁸ SEXTUS EMPIRICUS, PH, I, 22.

φαινομένων αὐτὸ μόνον παριστάντων ὅτι φαίνεται)⁴⁹. Com efeito, é por ser dado na *afecção involuntária* (ἀβουλήτῳ πάθει) que o fenômeno, isto é, esse καιρός do *tornar-se visível*, apresenta-se aos pirrônicos como *ininvestigável* (ἄζητητός) e digno de aquiescência. Os céticos não hão de polemizar com os relatos fenomenais, mas com todo e qualquer discurso que, partindo do que aparece, sustente tenazmente que aquilo que se manifesta é, em verdade, tal e qual o que subjaz ao manifestado. Diógenes Laércio, sintetizando a posição cética quanto ao fenômeno, diz-nos com bastante correção: “Pois também nós admitimos o que aparece, sem [admitir] que seja como e tal [aparece]” (καὶ γὰρ τὸ φαινόμενον τιθέμεθα, οὐχ ὡς καὶ τοιοῦτον ὄν)⁵⁰. Mais uma vez, notemos que o reconhecimento cético da aparência é aqui exposto como isento de dúvida, ao passo que a admissão de que o aparente seja realmente conforme aparece é alvo de profunda suspeição⁵¹. Enfim, supor que o fenômeno corresponda ao que a coisa é, em si e por si mesma, sugere uma firme e precipitada confiança ontoepistêmica, típica do pensar dogmático, para a qual o cético não poderia senão reservar a mais austera e abnegada condenação.

Referências:

- Aristóteles. (2014) *Metafísica*. Tradução de Giovanni Reale. São Paulo: Paulus.
- Capizzi, A. (1955) *Protagora: le testimonianze e i fragmenti*. Firenze: G. C. Sansoni Editore.
- Diogene Laerzio. (2005). *Vite et dottrine dei più celebri filosofi*. A cura di Giovanni Reale. Milano: Edizione Bompiani.
- Eusebius. (1983). *Die Praeparatio Evangelica*. Ed. Karl Mars und Édouard des Places. Berlin: Akademie-Verlag, teil II.
- Kahn, C. (2006). “Plato on Recollection”. In: *A companion to Plato*. Edited by Hugh. B. Benson. Blackwell Publishing.
- Laks, A; Most, G. (2016). *Early Greek Philosophy – Sophists 1*. London: Harvard University Press, vol. VIII.
- _____. (2016). *Early Greek Philosophy – Sophists 2*. London: Harvard University Press, vol. IX.
- Lefranc, J. (1999). *Platon et le platonisme*. Paris: Armand Colin.
- Plato. (1937). *The Republic I-V*. Translated by Paul Shorey. London: Harvard University Press, vol. I.
- _____. (1952). *Theaetetus, Sophist*. Translated by Harold North Fowler. Cambridge: Harvard University Press.
- _____. (1988). *Timaeus*. Edited by R. D. Archer-Hind. London: Macmillan.
- Porchat, O. (2007). *Rumo ao ceticismo*. São Paulo: Editora Unesp.
- Porto, W. R. (2019). *O autodesvanecimento do lógos: uma análise do caráter não-tético do pirronismo*. Sképsis, vol. X, n. 19, p. 1-10.

⁴⁹ Ibidem, *AM*, VIII, 368.

⁵⁰ *DL*, IX, 104.

⁵¹ Tímon de Flunte, em sua obra *Das sensações* (Περὶ αἰσθήσεων), legou à tradição pirrônica uma sentença que, pela brevidade e pela clareza com as quais resume a posição cética em relação ao fenômeno, conquistou com o devido mérito um status paradigmático. Tímon diz: “Que o mel seja doce, não afirmo, mas que parece [doce], reconheço / τὸ μέλι ὅτι ἐστὶ γλυκὺν οὐ τίθῃμι, τὸ δὲ ὅτι φαίνεται ὁμολογῶ” (*DL*, IX, 105).

As faces do fenômeno:
o horizonte do aparecer em Protágoras e Sexto Empírico

- Sextus Empiricus. (1976). Work in four volumes. *Outlines of Pyrrhonism*. Translated by R. G. Bury. Cambridge: Harvard University Press, vol. I.
- _____. (1967). Work in four volumes. *Against the Logicians*. Translated by R. G. Bury. Cambridge: Harvard University Press, vol. II.
- _____. (1967). Work in four volumes. *Against the Physicists and Against the Ethicists*. Translated by R. G. Bury. Cambridge: Harvard University Press, vol. III.
- _____. (1971). Work in four volumes. *Against the Professors*. Translated by R. G. Bury. Cambridge: Harvard University Press, vol. IV.
- Tsouna, V. (2004). *The Epistemology of Cyrenaic School*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Untersteiner, M. (1996). *I Sofisti*. Milano: Bruno Mondadori.